INTRODUÇÃO À **HERMENÊUTICA** E À **EXEGESE** DA **EPÍSTOLA AOS FILIPENSES**

J. S. Nascimento

Nascimento Editora

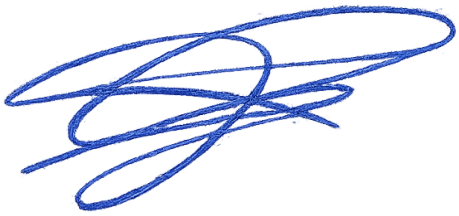
Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade

Ass: J. S. Nascimento †

Jairo de Sousa Nascimento†

O documento está assinado e certificado pelo Gov.br, com integridade garantida no padrão ICP-BRASIL.
Assinaturas eletrônicas e físicas têm igual validade legal, conforme **MP 2.200-2/2001 e Lei 14.063/2020.**

Como validar essa assinatura: *Renomeie este Arquivo para:* **EPÍSTOLA_AOS_FILIPENSES_*assinado.pdf*** *Acesse o link: https://validar.iti.gov.br/ Concorda com os termo de responsabilidade, e anexe o Arquivo Renomeado, depois só Clique em* ***Validar***



SOBRE A EDITORA

A Nascimento Editora possui identidade confessional definida, operando integralmente sob uma cosmovisão cristã reformada, ***submissa à Autoridade Suprema das Santas Escrituras como Regra infalível de Fé e Prática.*** Toda tradição teológica é recebida de forma subordinada à Palavra de DEUS, com especial adesão aos Símbolos de Fé da tradição reformada, particularmente à ***Confissão de Fé de Westminster*** e aos seus Catecismos.

Toda a produção da Nascimento Editora converge para o Soli Deo Gloria: a glória exclusiva do DEUS Trino — PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO — na criação, na redenção e na consumação de todas as coisas. Como está escrito: “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém” (Romanos XI:xxxvi).

A Nascimento Editora não se considera dona da verdade, mas serva da Palavra. Suas publicações são oferecidas à Igreja para exame, sempre segundo o princípio: “Examinai tudo; retende o bem” (I Tessalonicenses V:xxi).

30 de julho de 2026

Nascimento Editora

Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade

INTRODUÇÃO À HERMENÊUTICA

A. PRÓLOGO

A Epístola do Santo Apóstolo Paulo aos que estão em Filipos, embora breve em extensão, encerra em suas entranhas uma teologia da alegria e da humildade que a torna singular no cânon paulino. Nela, o apóstolo, algemado em Roma e já veterano nas lutas do ministério, não se ocupa de refutar heresias ou de corrigir desvios doutrinários graves, como faz em Gálatas ou Colossenses; antes, ele escreve a uma igreja que lhe era especialmente querida — a primeira fundada em solo europeu — para exortá-la à alegria inabalável no SENHOR, à humildade que reflete a mente de CRISTO, e à perseverança em meio ao sofrimento, certo de que o Evangelho avança mesmo quando seus mensageiros são acorrentados. Esta carta é, por assim dizer, o manual da vida cristã em sua dimensão mais prática e afetiva: nela, o apóstolo não discute os mistérios da eleição eterna com a profundidade de Efésios, nem a justificação pela fé com o rigor de Romanos; antes, ele desce ao cotidiano da fé, mostrando como o crente pode e deve regozijar-se no SENHOR em toda e qualquer circunstância, porque o seu galardão está nos céus e a sua pátria é a Jerusalém celestial. A presente investigação não se contentará com uma leitura superficial ou com a mera repetição de lugares-comuns exegéticos; antes, adentrará o santuário do texto, guiada pela fé que é dom de DEUS e iluminada pelo mesmo ESPÍRITO que inspirou o apóstolo. Procederemos com a gravidade que o assunto requer, certos de que a Escritura é autopistós — auto-autenticadora — e que sua clareza essencial, nos pontos centrais da fé, não dispensa o trabalho diligente de comparar as coisas espirituais com as espirituais, sob a regência suprema da Palavra Fundante que sustenta todas as coisas.

B. AUTORIA, DATA E CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS

A autoria paulina da Epístola aos Filipenses é firmemente atestada pela tradição mais antiga da Igreja, que a recebeu no cânon como genuína, e pelo próprio texto, que se apresenta como escrito por Paulo e Timóteo, servos de JESUS CRISTO (Phil. I, i). A crítica moderna, embora tenha ensaiado objeções esporádicas, não logrou abalar o consenso unânime da Igreja primitiva, que desde os primeiros séculos reconheceu nesta carta a mão e o coração do apóstolo dos gentios. O estilo, o vocabulário e a teologia são inequivocamente paulinos; a linguagem é mais afetuosa e pessoal do que em outras epístolas, o que se explica pela relação íntima que Paulo mantinha com a Igreja de Filipos, a primeira que ele fundara na Europa e que constantemente o socorria em suas necessidades (Phil. IV, xv–xvi).

Quanto à data, a epístola foi composta, muito provavelmente, durante o primeiro cativeiro romano do apóstolo, por volta dos anos 60-62 d.C., sob o reinado de Nero.

Paulo encontra-se preso em Roma, em prisão domiciliar, como narrado em Actus XXVIII, xxx-xxxi, mas não abatido; algemado, mas não silenciado. As referências à "guarda pretoriana" (Phil. I, xiii) e aos "da casa de César" (Phil. IV, xxii) apontam inequivocamente para Roma como local da prisão, e não para Cesareia ou Éfeso, como alguns críticos têm sugerido. A menção de que o apóstolo espera ser libertado (Phil. I, xxv; II, xxiv) indica que ele ainda não havia sido julgado, e que a carta foi escrita em um momento de incerteza quanto ao desfecho de seu processo. As circunstâncias históricas imediatas incluem a oposição dos judaizantes, que pregavam a circuncisão como necessária à salvação (Phil. III, ii), a presença de falsos irmãos que anunciavam o Evangelho por inveja e contenda (Phil. I, xv–xvii), e a necessidade de exortar a Igreja à unidade e à humildade, pois havia sinais de desavença entre duas irmãs, Evódia e Síntique (Phil. IV, ii). Paulo, portanto, escreve não apenas para consolar e exortar, mas para fortalecer a Igreja na fé, na alegria e na perseverança, apontando-lhe CRISTO como o modelo supremo de humildade e exaltação.

C. PROPÓSITO E TEMA CENTRAL

O propósito imediato do apóstolo ao compor esta epístola é duplo: por um lado, agradecer à Igreja de Filipos pelo socorro financeiro que lhe enviara por intermédio de Epafrodito (Phil. IV, xviii), e informar sobre o estado deste, que estivera doente à beira da morte; por outro, exortar os filipenses a viverem de modo digno do Evangelho, regozijando-se no SENHOR em toda e qualquer circunstância, e a manterem a unidade e a humildade, que são frutos da mente de CRISTO. Mas o propósito mediato — e aqui alcançamos a intenção do ESPÍRITO — é mostrar que a alegria cristã não depende das circunstâncias externas, mas da certeza da salvação em CRISTO e da esperança da glória futura. Paulo escreve de uma prisão, mas a sua carta transborda de alegria; ele enfrenta a possibilidade da morte, mas declara que o viver é CRISTO e o morrer é ganho. Esta é a essência da fé cristã: uma alegria que não se abala com as tribulações, porque está fundada na graça soberana de DEUS e na ressurreição de CRISTO.

O tema central, portanto, é a alegria cristã que flui da união com CRISTO e da esperança da glória futura, do qual decorrem todos os demais ensinos da carta. Esta alegria se expressa em três movimentos: primeiro, na humildade e na abnegação, como exemplificadas na kenosis de CRISTO (Phil. II, v–xi); segundo, na perseverança em meio ao sofrimento, com os olhos fixos no prêmio da soberana vocação de DEUS (Phil. III, xiv); e terceiro, na paz que excede todo entendimento, que guarda os corações e mentes dos crentes em CRISTO JESUS (Phil. IV, vii). Paulo não escreve para satisfazer curiosidades especulativas, mas para que os filipenses, e com eles toda

a Igreja, aprendam a se regozijar no SENHOR sempre, e novamente digam: regozijai-vos.

D. ESTRUTURA LITERÁRIA E TEOLÓGICA

A arquitetura de Filipenses é magistralmente concebida, ainda que mais simples em sua estrutura do que a de Efésios ou Colossenses. A epístola pode ser dividida em quatro capítulos, que correspondem a quatro ênfases pastorais distintas, embora todas permeadas pelo tema da alegria em CRISTO.

A estrutura geral pode ser assim delineada:

I. A Alegria no Sofrimento e no Avanço do Evangelho (Capítulo I)

- Saudações e ação de graças pela comunhão dos filipenses no Evangelho.
- A oração de Paulo pelo crescimento no conhecimento e no amor.
- A situação do apóstolo na prisão: o avanço do Evangelho entre a guarda pretoriana.
- A atitude diante da vida e da morte: o dilema de Paulo entre partir e estar com CRISTO, ou permanecer para proveito dos santos.
- A exortação à conduta digna do Evangelho, em unidade e firmeza.

II. A Humildade de CRISTO como Modelo e Exemplo (Capítulo II)

- A exortação à humildade e à comunhão no ESPÍRITO.
- O hino cristológico: a kenosis de CRISTO, Sua humilhação e exaltação.
- A aplicação prática: operai a vossa salvação com temor e tremor, pois DEUS opera em vós o querer e o efetuar.
- O exemplo de Timóteo e de Epafrodito como modelos de abnegação.

III. A Justiça pela Fé e a Perseverança Rumo ao Prêmio (Capítulo III)

- A advertência contra os judaizantes e a falsa confiança na carne.
- A justiça que vem de DEUS pela fé, em contraste com a justiça própria.
- O anelo de conhecer a CRISTO e o poder da Sua ressurreição.
- A perseverança rumo ao prêmio da soberana vocação de DEUS.
- A exortação a imitar Paulo e a evitar os inimigos da cruz de CRISTO.

IV. A Alegria, a Paz e a Providência de DEUS (Capítulo IV)

- A exortação à alegria no SENHOR e à moderação conhecida de todos.
- A promessa da paz de DEUS, que excede todo entendimento.
- O pensamento cristão: meditar no que é verdadeiro, honesto, justo, puro, amável e de boa fama.
- A gratidão de Paulo pelo socorro dos filipenses.
- Saudações finais e bênção apostólica.

Esta estrutura não é arbitrária, mas responde à lógica da vida cristã: primeiro, a alegria no sofrimento (capítulo I); segundo, a humildade como fundamento da unidade (capítulo II); terceiro, a justiça pela fé como único caminho de salvação (capítulo III); e quarto, a paz e a gratidão como frutos da certeza da providência divina (capítulo IV). E todas as seções são atravessadas pela consciência de que o crente é cidadão dos céus, e que sua pátria não é deste mundo, mas da Jerusalém celestial, donde aguarda o SENHOR JESUS CRISTO como Salvador.

E. TEMAS TEOLÓGICOS EXTRAÍDOS DO LIVRO

A Epístola aos Filipenses, sendo uma mina de ouro doutrinário e pastoral, apresenta um conjunto de temas que se entrelaçam como os fios de um bordado celeste. Não se tratam de tópicos isolados, mas de aspectos de uma única realidade: a vida cristã como participação em CRISTO e esperança da glória futura. Extraímos, pois, os seguintes temas fundamentais:

i. A Alegria no SENHOR como Marca da Vida Cristã.
O tema mais recorrente da epístola é a alegria. Paulo ordena: “Regozijai-vos sempre no SENHOR; outra vez digo, regozijai-vos” (Phil. IV, iv). Esta alegria não é um sentimento passageiro ou uma emoção condicionada por circunstâncias favoráveis; é uma disposição profunda do coração, fundada na certeza de que o crente está em CRISTO e de que sua salvação está segura. Paulo escreve da prisão, mas sua carta é um hino de alegria; ele enfrenta a morte, mas declara que o viver é CRISTO e o morrer é ganho. A alegria cristã, portanto, é o fruto da fé que descansa na soberania de DEUS e na esperança da ressurreição.

ii. A Humildade e a Kenosis de CRISTO como Fundamento da Unidade.
O capítulo II contém um dos mais sublimes hinos cristológicos de todo o Novo Testamento. Paulo exorta os crentes a terem “o mesmo sentimento que houve em CRISTO JESUS, que, sendo em forma de DEUS, não teve por usurpação ser igual a DEUS, mas esvaziou-se a Si mesmo, tomando a forma de servo” (Phil. II, v–vii). A humildade de CRISTO é o padrão para a vida cristã: assim como Ele não se apegou à Sua glória, mas se humilhou até a morte de cruz, assim os crentes devem considerar

os outros superiores a si mesmos, não buscando o próprio interesse, mas o de outrem. Esta humildade é o fundamento da unidade da Igreja, que se expressa em comunhão, compaixão e amor fraternal.

iii. A Justificação pela Fé, em Contraste com a Justiça Própria.
No capítulo III, Paulo confronta os judaizantes que pregavam a circuncisão como necessária à salvação. Ele rejeita toda confiança na carne — na sua linhagem, no seu zelo farisaico e na sua justiça própria — e declara que a sua justiça é a que vem de DEUS, pela fé em CRISTO. A justificação não é por obras da lei, mas pela graça, mediante a fé, que é dom de DEUS. Esta doutrina, exposta com tanta clareza em Romanos e Gálatas, é aqui reafirmada com vigor, mostrando que a salvação é inteiramente obra de DEUS e que o crente não tem mérito algum diante d'Ele.

iv. A Perseverança Rumo ao Prêmio da Soberana Vocação.
Paulo declara que não julga ter já alcançado a perfeição, mas que “esqueço-me das coisas que atrás ficam, e avanço para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de DEUS em CRISTO JESUS” (Phil. III, xiii–xiv). A vida cristã é uma corrida, uma luta, uma perseverança ativa rumo ao prêmio celestial. Esta perseverança não é um esforço autônomo, mas uma resposta à graça de DEUS, que opera no crente o querer e o efetuar. O crente não se gloria no que já alcançou, mas se esforça para chegar à estatura completa de CRISTO, enquanto aguarda a consumação final, quando seu corpo mortal será transformado à semelhança do corpo glorioso de CRISTO.

v. A Cidadania Celeste e a Esperança da Consumação.
Paulo lembra aos filipenses que “a nossa pátria está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o SENHOR JESUS CRISTO, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme ao seu corpo glorioso” (Phil. III, xx–xxi). A vida cristã é uma peregrinação; o crente é um estrangeiro e peregrino na terra, e sua verdadeira pátria é a Jerusalém celestial. Esta esperança escatológica é o motor da santificação e o consolo em meio às tribulações: o crente sabe que as aflições do tempo presente não são comparáveis com a glória que há de ser revelada, e que o seu SENHOR voltará para transformar todas as coisas.

vi. A Providência Soberana de DEUS e a Gratidão.
No capítulo IV, Paulo agradece aos filipenses pelo socorro que lhe enviaram, e declara que “o meu DEUS suprirá todas as vossas necessidades, segundo as Suas riquezas na glória em CRISTO JESUS” (Phil. IV, xix). A providência de DEUS é o fundamento da confiança do crente: ele sabe que o mesmo DEUS que sustenta o universo e governa a história é Aquele que cuida de suas necessidades, e que nenhuma boa obra feita para

o SENHOR fica sem recompensa. A gratidão, portanto, é a resposta natural do crente à bondade de DEUS, que lhe dá todas as coisas para seu gozo e para a Sua glória.

F. HERMENÊUTICA APLICADA: PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO

A interpretação da Epístola aos Filipenses, para que seja frutuosa e fiel, deve observar alguns princípios que decorrem da própria natureza da Escritura e da tradição reformada que nos precedeu. Estabelecemos, pois, os seguintes princípios hermenêuticos:

i. O Princípio Cristocêntrico. Toda a Escritura testifica de CRISTO, e Filipenses não é exceção. O hino cristológico do capítulo II é o coração teológico da carta, e todas as exortações à humildade, à alegria e à perseverança devem ser interpretadas à luz da pessoa e da obra de CRISTO. A humildade cristã não é um ideal moral abstrato, mas a participação na humildade de CRISTO, que se esvaziou a Si mesmo por amor aos Seus. A alegria cristã não é um sentimento vago, mas a alegria que CRISTO prometeu aos Seus discípulos, que ninguém pode tirar.

ii. O Princípio da Analogia da Fé (Analogia Fidei). A Escritura é a melhor intérprete de si mesma. A doutrina da justificação pela fé, exposta em Filipenses III, deve ser interpretada à luz de Romanos e Gálatas, onde a mesma verdade é desenvolvida com maior amplitude. A exortação a “operar a salvação com temor e tremor” (Phil. II, xii) não deve ser interpretada como uma negação da graça soberana, mas como uma exortação à perseverança, que é o meio pelo qual a salvação é fruída, sempre lembrando que “DEUS é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar” (Phil. II, xiii).

iii. O Princípio da Primazia da Doutrina sobre a Experiência. A experiência cristã, embora genuína e importante, não é o fundamento da fé, mas o seu fruto. A hermenêutica de Filipenses deve começar pelas grandes verdades da obra de CRISTO e da justificação pela fé (capítulos I–III), para então extrair as exortações práticas à alegria, à paz e à gratidão (capítulo IV). A alegria cristã não é uma técnica psicológica, mas o fruto da certeza da salvação em CRISTO e da esperança da glória futura.

iv. O Princípio Eclesial e Pactual. A epístola foi escrita não a um indivíduo isolado, mas à Igreja, ao Corpo de CRISTO. Sua interpretação, portanto, deve ter uma dimensão comunitária. As exortações à humildade e à unidade (Phil. II, i–iv) são dirigidas à comunidade, não apenas a indivíduos; a alegria no SENHOR é uma alegria compartilhada; a paz de DEUS guarda os corações e mentes dos crentes, não apenas do crente isolado.

v. O Princípio do Uso Triplo da Lei e da Liberdade Cristã. As exortações éticas de Filipenses não são uma nova lei mosaica, mas a aplicação do Evangelho à vida. A lei moral, resumida no Decálogo, permanece como regra perpétua de justiça; mas para o crente, ela funciona como guia de gratidão (terceiro uso), não como meio de justificação. A liberdade cristã, tão enfatizada em Gálatas, é pressuposta em Filipenses: os crentes são livres da condenação, mas são servos de CRISTO, e esta liberdade os capacita a andar em amor, não em licenciosidade.

vi. O Princípio da Iluminação do ESPÍRITO SANTO. Finalmente, a hermenêutica verdadeira é uma obra do ESPÍRITO. O homem natural não compreende as coisas do ESPÍRITO de DEUS (I Cor. II, xiv). Portanto, o intérprete deve orar, como Paulo orou pelos filipenses, para que o amor do crente cresça cada vez mais em ciência e em todo o conhecimento (Phil. I, ix). Sem esta iluminação, o texto permanece letra morta; com ela, torna-se espírito e vida. Assim, o estudo de Filipenses é um exercício de piedade tanto quanto de erudição, um ato de dependência da Palavra sustentadora, que é a mesma que ilumina os simples e confunde os sábios.

G. CONCLUSÃO GERAL

Esta Epístola, à luz dos princípios hermenêuticos estabelecidos, apresenta-se como a carta da alegria cristã e da humildade de CRISTO, um manual de vida cristã para a Igreja militante em todos os tempos. Nela, o apóstolo, algemado em Roma, não escreve com lamentos, mas com hinos; não com queixas, mas com exortações; não com desânimo, mas com a certeza inabalável de que o Evangelho avança, de que a salvação é segura, e de que a consumação é certa. Paulo escreve como um pastor que ama o seu rebanho, e que, mesmo em meio às suas próprias tribulações, busca consolar e fortalecer os seus irmãos, apontando-lhes CRISTO como o modelo supremo de humildade, o objeto da fé, o autor da salvação e a esperança da glória.

A hermenêutica que adotamos — fundamentada na autopistia da Escritura, na cristocentricidade, na analogia da fé, na dimensão eclesial e na iluminação do ESPÍRITO — não é um método neutro, mas uma postura de fé. Ela reconhece que o intérprete, como todas as criaturas, é existência comunicada, dependente momento a momento da Palavra que sustenta. Interpretar Filipenses é, pois, deixar-se interpretar por ela; é permitir que a Palavra viva e eficaz penetre até a divisão da alma e do espírito, julgando os pensamentos e intenções do coração (Hebr. IV, xii). E, porque esta carta trata da alegria que flui da união com CRISTO, ela aponta para o fim último da criação: Soli Deo Gloria. A alegria é para o louvor da glória da Sua graça; a humildade é para a exaltação de CRISTO; a perseverança é para a manifestação do poder de

DEUS; e a paz é para a glória exclusiva do DEUS Trino, a quem seja o louvor, a honra e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém.

INTRODUÇÃO À EXEGESE

Filipenses, embora breve em extensão, encerra em suas entranhas uma teologia da alegria e da humildade que a torna singular no cânon paulino. Nela, o apóstolo, algemado em Roma e já veterano nas lutas do ministério, não se ocupa de refutar heresias ou de corrigir desvios doutrinários graves, como faz em Gálatas ou Colossenses; antes, ele escreve a uma igreja que lhe era especialmente querida — a primeira fundada em solo europeu — para exortá-la à alegria inabalável no SENHOR, à humildade que reflete a mente de CRISTO, e à perseverança em meio ao sofrimento, certo de que o Evangelho avança mesmo quando seus mensageiros são acorrentados. A exegese que ora se segue não é um exercício de mera erudição, mas uma escuta atenta da voz do ESPÍRITO, que através do apóstolo preso fala à Igreja de todos os tempos. Caminhemos com reverência, certos de que a Palavra sustentadora que mantém os astros em suas órbitas é a mesma que, nestas linhas, revela a alegria que flui da união com CRISTO, a humildade que reflete a Sua kenosis, e a esperança que anima o peregrino rumo à pátria celestial. Não nos contentaremos com uma leitura superficial; antes, desceremos às entranhas do texto, guiados pela analogia da fé e iluminados pelo mesmo ESPÍRITO que inspirou o apóstolo, para que a verdade nos seja não apenas conhecida, mas vivida, para glória do DEUS Trino. A presente exposição cobre a totalidade da epístola: o capítulo I, onde se estabelece a alegria no sofrimento e no avanço do Evangelho; o capítulo II, que apresenta a humildade de CRISTO como modelo e exemplo; o capítulo III, que trata da justiça pela fé e da perseverança rumo ao prêmio; e o capítulo IV, que exorta à alegria, à paz e à gratidão, coroando a carta com a certeza da providência divina. Tudo é existência comunicada e sustentada pela Palavra, até mesmo a resposta obediente da criatura ao Criador. Assim, armados com estas chaves, adentremos o santuário do texto, para colher das minas da Escritura o ouro da verdade que enriquece a alma e glorifica o nome do SENHOR. Soli Deo Gloria.

CAPÍTULO I — A ALEGRIA NO SOFRIMENTO E NO AVANÇO DO EVANGELHO

i. A saudação apostólica e a ação de graças pela comunhão no Evangelho (Phil. I, i–xi)

O apóstolo Paulo, associando Timóteo, seu filho na fé e companheiro de labores, apresenta-se como "servo de JESUS CRISTO" — título que, longe de denotar humilhação, encerra a mais alta dignidade, pois ser servo do SENHOR é ser livre em CRISTO e participar da Sua obra redentora. O destinatário é duplamente qualificado: "a todos os santos em CRISTO JESUS que estão em Filipos, com os bispos e diáconos". A santidade é a posição conferida pela união com CRISTO, e a menção dos bispos e diáconos revela que a Igreja já possuía uma estrutura de governo ordenada, com oficiais que cuidavam do rebanho e serviam na administração das coisas santas. A saudação — "Graça a vós, e paz, da parte de DEUS nosso PAI, e do SENHOR JESUS CRISTO" — é o selo de toda a comunicação apostólica: a graça é a fonte de toda bênção espiritual, e a paz é o fruto da reconciliação operada por CRISTO. Ambas procedem do PAI e do FILHO, afirmação implícita da divindade de CRISTO, que é colocado em pé de igualdade com o PAI como fonte de bênçãos.

A ação de graças que se segue é um dos mais afetuosos trechos de toda a literatura paulina. Paulo dá graças a DEUS "em toda a memória de vós", e em todas as suas orações, com alegria, fazendo súplica "pela vossa comunhão no Evangelho, desde o primeiro dia até agora". A comunhão (koinōnia) dos filipenses com Paulo não era meramente financeira, embora incluísse o socorro material; era uma participação viva na obra do Evangelho, uma parceria espiritual que unia o apóstolo e a Igreja em um só propósito. Esta comunhão era fruto da graça soberana, e Paulo confia que "aquele que começou a boa obra em vós a aperfeiçoará até o dia de JESUS CRISTO". Esta é a doutrina da perseverança dos santos: a salvação é obra de DEUS, do princípio ao fim, e aquele que a iniciou é fiel para a completar. Esta certeza é a âncora da alegria cristã, pois o crente sabe que sua salvação não repousa na instabilidade de sua própria vontade, mas na imutabilidade do conselho divino.

ii. A oração pelo crescimento no amor e no conhecimento (Phil. I, ix–xi)

O amor do apóstolo pelos filipenses não se esgota na ação de graças, mas se derrama em oração. Paulo pede que o amor dos santos "cresça cada vez mais em ciência e em todo o conhecimento". O amor não é um sentimento vago ou uma emoção passageira; é uma realidade que deve crescer, aprofundar-se, ser enriquecida pelo conhecimento (epignōsis) e por toda a inteligência espiritual. Este conhecimento não é meramente intelectual, mas experimental e transformador; é o conhecimento de DEUS que se manifesta em discernimento prático, para que os crentes "aprovem as coisas excelentes". O verbo "aprovar" (dokimazō) indica a capacidade de distinguir o que é

verdadeiramente valioso, de discernir a vontade de DEUS em meio às múltiplas vozes do mundo. O propósito final é que os filipenses sejam “sinceros e sem escândalo algum, até ao dia de CRISTO”. A sinceridade (eilikrinēs) é a pureza de motivação, a ausência de hipocrisia e de duplicidade; e a ausência de escândalo é a vida irrepreensível, que não dá ocasião ao inimigo para blasfemar. E o fruto desta vida é “cheios dos frutos de justiça, que são por JESUS CRISTO, para glória e louvor de DEUS”. A justiça prática, que se manifesta em boas obras, não é a causa da salvação, mas o seu fruto; e este fruto, produzido pela união com CRISTO, redunda em glória e louvor a DEUS, que é o fim supremo de toda a vida cristã.

iii. O avanço do Evangelho na prisão de Paulo (Phil. I, xii–xiv)

Paulo, após a oração, volta-se para a sua própria situação, e o faz não com queixas, mas com uma declaração de confiança: “Quero que saibais, irmãos, que as coisas que me aconteceram contribuíram para o progresso do Evangelho”. As cadeias do apóstolo, que aos olhos humanos pareceriam um obstáculo, são reivindicadas como instrumentos do avanço do Reino. A palavra “progresso” (prokopē) é um termo militar que indica o avanço de um exército; as algemas de Paulo são, na economia divina, trincheiras conquistadas para o Evangelho. A razão é dupla: primeiro, porque a sua prisão “se tornou manifesta em todo o pretório, e a todos os mais”. A guarda pretoriana, a elite do exército imperial, tornou-se testemunha do Evangelho; os soldados que vigiavam Paulo viram que ele não era um criminoso, mas um homem de DEUS, e ouviram a mensagem que ele anunciava. Segundo, porque “a maior parte dos irmãos, confiando no SENHOR por minhas prisões, ousam falar a Palavra com mais coragem”. A coragem de Paulo na prisão inspirava outros a serem ousados; suas cadeias, longe de intimidar, encorajavam a proclamação do Evangelho. A soberania de DEUS, portanto, transforma o que parecia um revés em vitória; as algemas do apóstolo tornam-se elos que unem a Igreja na coragem e na ousadia, e o pretório, outrora símbolo do poder imperial, torna-se palco da pregação do Reino.

iv. A pregação por inveja e por amor (Phil. I, xv–xviii)

Paulo, com a honestidade que o caracteriza, reconhece que nem todos os que pregam o Evangelho o fazem com pureza de motivação. “Uns, na verdade, anunciam a CRISTO por inveja e porfia; outros, porém, de boa vontade.” Há aqueles que pregam por amor, sabendo que Paulo está destinado para a defesa do Evangelho; e há aqueles que pregam “por contenda, não puramente, julgando acrescentar aflição às minhas prisões”. Estes falsos irmãos, movidos por inveja e rivalidade, buscavam competir com Paulo, talvez para diminuir sua influência ou para se gloriar às suas custas. Mas a resposta de Paulo é surpreendente: “Não importa? Contudo, de toda maneira, ou por pretexto ou de verdade, CRISTO é anunciado; e nisto me regozijo, e me regozijarei ainda”. Paulo não se deixa abalar pela má motivação dos pregadores; o que importa é

que CRISTO seja anunciado. Ele não defende seu próprio prestígio ou sua reputação; ele se alegra porque o Evangelho avança, ainda que por mãos impuras. Esta é a marca de um verdadeiro servo de CRISTO: a alegria não está na própria glória, mas na glória de CRISTO; a satisfação não está no reconhecimento humano, mas no avanço do Reino. Paulo não julga os motivos alheios, mas deixa o julgamento ao SENHOR, e se regozija porque, seja como for, a mensagem da cruz está sendo proclamada.

v. O dilema de Paulo: viver ou morrer para estar com CRISTO (Phil. I, xix–xxvi)

Paulo, consciente da possibilidade de sua morte iminente, expressa um dos mais belos dilemas da vida cristã. Ele declara que “isto sei que me resultará em salvação, pela vossa oração e pelo socorro do ESPÍRITO de JESUS CRISTO”. A salvação aqui não é a salvação eterna, já garantida, mas a libertação do perigo presente, a certeza de que, seja qual for o desfecho, DEUS o sustentará. Ele confia que “não serei envergonhado em coisa alguma; antes, com toda a ousadia, CRISTO será engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte”. Esta é a essência da vida cristã: o engrandecimento de CRISTO em todas as circunstâncias, inclusive na morte. E então Paulo declara: “Porque para mim o viver é CRISTO, e o morrer é ganho”. Esta é uma das mais sublimes declarações de fé em toda a Escritura. O viver é CRISTO — não como um acréscimo à vida, mas como a própria vida, a razão de ser, o conteúdo e o propósito de toda a existência. O morrer é ganho — não porque a morte seja desejável em si mesma, mas porque ela leva o crente à presença imediata de CRISTO, que é a própria essência do ganho eterno. O apóstolo então expressa o seu dilema: “Mas, se o viver na carne me der fruto da minha obra, não sei o que hei de escolher. Porque de ambos os lados estou constrangido, tendo desejo de partir e estar com CRISTO, porque isto é ainda muito melhor; mas ficar na carne é mais necessário por vossa causa”. O dilema não é entre a vida e a morte, mas entre a alegria de estar com CRISTO e a utilidade de permanecer para servir aos santos. Paulo prefere partir, mas reconhece que sua permanência é necessária para o proveito e o gozo da fé dos filipenses. Este é o coração pastoral do apóstolo: ele coloca o bem da Igreja acima do seu próprio desejo, e se submete à vontade de DEUS, certo de que, seja vivendo ou morrendo, pertence ao SENHOR.

vi. A exortação à conduta digna do Evangelho (Phil. I, xxvii–xxviii)

Da certeza da salvação e do dilema entre a vida e a morte, Paulo extrai uma exortação prática: “Somente andai de modo digno do Evangelho de CRISTO”. A palavra “andai” (politeuomai) é rica em significado; ela deriva de politeia, que significa “cidadania”. Paulo está dizendo: “vivei como cidadãos dignos do Evangelho”. Assim como os filipenses se orgulhavam de sua cidadania romana, que lhes conferia privilégios e deveres, assim eles devem se orgulhar de sua cidadania celestial, que lhes confere uma identidade e uma conduta coerentes com o Evangelho. Esta conduta digna se

manifesta em dois aspectos: primeiro, “que, ou indo ver-vos, ou estando ausente, ouça de vós que estais firmes em um mesmo espírito, combatendo juntamente pela fé do Evangelho”. A unidade é a marca da Igreja que anda dignamente; os crentes devem estar firmes em um mesmo espírito, não divididos por contendas, mas unidos pela mesma fé. E esta unidade é militante: “combatendo juntamente pela fé do Evangelho”. A vida cristã é uma batalha, não contra carne e sangue, mas contra as hostes espirituais da maldade; e a unidade é a estratégia da vitória. Segundo, “em nada vos espantando dos que resistem; o que para eles é indício de perdição, mas para vós de salvação, e isso de DEUS”. A perseguição, longe de ser um sinal de fracasso, é um indício da salvação dos crentes e da perdição dos perseguidores; é o selo da fidelidade de DEUS, que confirma os Seus na tribulação e manifesta o juízo sobre os que resistem ao Evangelho.

vii. O privilégio de sofrer por CRISTO (Phil. I, xxix–xxx)

Paulo conclui o capítulo com uma declaração que subverte todas as expectativas humanas sobre o sofrimento: “Porque a vós vos foi concedido, em relação a CRISTO, não somente crer n'Ele, mas também padecer por Ele”. O sofrimento é apresentado como um dom, uma concessão da graça soberana, tanto quanto a fé. A palavra “concedido” (charizomai) é a mesma que se usa para a graça; o sofrimento por CRISTO é um privilégio, uma participação nos Seus sofrimentos, e um sinal da eleição divina. Paulo não romantiza o sofrimento, mas o vê como parte integrante da vocação cristã: “tendo o mesmo combate que já vistes em mim, e agora ouvis estar em mim”. Os filipenses estavam familiarizados com o sofrimento de Paulo, que fora preso em Filipos, açoitado e lançado na prisão (Actus XVI, xvi–xxiv). Agora, eles ouviam que ele continuava a sofrer em Roma, mas este sofrimento era uma prova da fidelidade de DEUS e um incentivo para que eles também perseverassem. A fé e o sofrimento são os dois lados da mesma moeda da graça: a fé é o dom que nos une a CRISTO; o sofrimento é o dom que nos conforma a CRISTO, nos purifica e nos prepara para a glória. O crente, portanto, não deve temer a perseguição, mas recebê-la como um presente da mão amorosa do PAI, que a usa para o seu bem e para a Sua glória.

CAPÍTULO II — A HUMILDADE DE CRISTO COMO MODELO E EXEMPLO

i. A exortação à unidade e à humildade na comunhão do ESPÍRITO (Phil. II, i–iv)

O apóstolo, tendo exortado os filipenses a andarem de modo digno do Evangelho e a não se espantarem com a perseguição, dirige-se agora ao coração da vida comunitária: a unidade e a humildade. Ele inicia com uma série de apelos que se fundamentam nas realidades espirituais já experimentadas pelos crentes: “Se há, pois, alguma exortação em CRISTO, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão do ESPÍRITO, se alguns entranháveis afetos e compaixões”. Cada uma destas cláusulas é uma premissa que torna a exortação moral não apenas razoável, mas inescapável. A exortação em CRISTO é a palavra de ânimo que procede da união com Ele; a consolação de amor é o conforto que o amor de CRISTO derrama no coração; a comunhão do ESPÍRITO é a participação na vida trinitária que une todos os crentes; e os entranháveis afetos e compaixões são a misericórdia que CRISTO manifesta aos Seus. Com base nestas realidades, Paulo ordena: “completai o meu gozo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, sendo unânimes, sentindo uma mesma coisa”. O gozo do apóstolo não é egoísta; ele é completado quando os filipenses vivem em unidade e harmonia. A unanimidade não é uniformidade, mas uma comunidade de propósito e de afeto, onde as diferenças são subordinadas ao bem comum. E o caminho para esta unidade é a humildade: “nada façais por contenda ou por vanglória, mas com humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo”. A contenda e a vanglória são os venenos que destroem a comunhão; a humildade é o antídoto que a preserva. O crente não deve buscar o seu próprio interesse, mas “também cada qual atenda às coisas dos outros”. Esta é a essência da vida cristã comunitária: uma renúncia voluntária ao egoísmo, uma consideração amorosa do próximo, e uma disposição de servir, não de ser servido.

ii. A mente de CRISTO como padrão da humildade (Phil. II, v–viii)

A exortação à humildade não é um ideal moral abstrato; ela encontra o seu padrão e a sua fonte na pessoa de CRISTO. Paulo ordena: “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em CRISTO JESUS”. O “sentimento” (phroneō) é a disposição interior, a atitude da mente e do coração que governa a vida. E esta disposição é descrita no hino cristológico mais sublime de todo o Novo Testamento. CRISTO, “sendo em forma de DEUS, não teve por usurpação ser igual a DEUS”. A expressão “forma de DEUS” (morphē theou) indica a essência divina, a natureza mesma de DEUS, que CRISTO possuía desde a eternidade. Ele era verdadeiro DEUS, igual ao PAI em essência, poder e glória. Contudo, “esvaziou-se a Si mesmo” (heauton ekenōsen), tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens. A kenosis de CRISTO não é um esvaziamento da Sua divindade, mas uma renúncia voluntária ao uso independente dos atributos divinos, uma assunção da condição humana com todas

as suas fraquezas e limitações. Ele não se apegou à Sua glória, mas a depôs por amor aos Seus. E, “achado na forma de homem, humilhou-se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz”. A humilhação de CRISTO foi total: Ele não apenas se fez homem, mas servo; não apenas servo, mas obediente; não apenas obediente, mas obediente até a morte; e não apenas qualquer morte, mas a morte de cruz — a mais ignominiosa e maldita das mortes, reservada para os piores criminosos. Este é o padrão da humildade cristã: uma renúncia voluntária aos próprios direitos, uma disposição de servir, e uma obediência a DEUS que não recua diante do sofrimento. A cruz de CRISTO é o paradigma de toda a vida cristã, e o crente é chamado a ter a mesma disposição que levou o FILHO de DEUS a esvaziar-se por amor aos Seus.

iii. A exaltação de CRISTO e a confissão universal (Phil. II, ix–xi)

A humilhação de CRISTO não é o fim da história; ela é seguida pela exaltação. Paulo declara: “Pelo que também DEUS O exaltou soberanamente, e Lhe deu um nome que é sobre todo o nome”. A exaltação de CRISTO é a resposta do PAI à Sua obediência e humilhação. O nome que está sobre todo o nome é o título de SENHOR (Kyrios), que no Antigo Testamento é o nome de DEUS (YHWH). CRISTO, que se humilhou como servo, é agora entronizado como SENHOR de toda a criação, Senhor sobre todos os principados e potestades, sobre todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro. E o propósito desta exaltação é que “ao nome de JESUS se dobre todo o joelho, dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra; e toda a língua confesse que JESUS CRISTO é o SENHOR, para glória de DEUS PAI”. A confissão universal de que JESUS CRISTO é o SENHOR é o fim escatológico de toda a história; no dia final, todos os joelhos se dobrarão, e todas as línguas confessarão a Sua soberania, seja em alegria ou em juízo. Esta confissão, que é a essência da fé cristã, é também o fundamento da esperança: o mesmo CRISTO que se humilhou por nós é o SENHOR exaltado que reina sobre todas as coisas, e que um dia voltará para consumar o Seu Reino. A humildade, portanto, não é o oposto da glória; é o caminho para a glória. O que aprende a se humilhar como CRISTO será exaltado com CRISTO; o que se gloria em sua própria força será humilhado; mas o que se humilha na fraqueza será levantado pelo poder de DEUS.

iv. A operação da salvação com temor e tremor (Phil. II, xii–xiii)

Da exaltação de CRISTO, Paulo extrai uma exortação prática que tem sido fonte de profunda reflexão teológica: “De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só como na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, operai a vossa salvação com temor e tremor”. A obediência dos filipenses não deve depender da presença física de Paulo, mas deve ser uma resposta à presença de DEUS, que opera neles. A expressão “operai a vossa salvação” (katergazesthe tēn heautōn sōtērian) indica um esforço ativo e contínuo, uma

perseverança na fé e na obediência. Mas esta operação não é autônoma; ela é capacitada pela graça que opera no crente. Paulo acrescenta: “porque DEUS é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade”. Esta é a doutrina reformada da graça soberana: o crente não opera a sua salvação por suas próprias forças, mas porque DEUS opera nele o querer (a disposição interior) e o efetuar (a ação concreta), segundo o Seu bom prazer. A salvação é, do princípio ao fim, obra de DEUS; a responsabilidade humana é a resposta à graça que capacita. O “temor e tremor” não é um medo servil de um DEUS tirânico, mas uma reverência profunda diante da santidade de DEUS e uma consciência da própria fragilidade, que leva o crente a depender inteiramente da graça. A certeza da eleição não leva à presunção, mas à humildade; a confiança na soberania de DEUS não leva à inércia, mas ao esforço perseverante, porque o crente sabe que a sua obra é sustentada pelo poder do mesmo DEUS que o chamou.

v. A pureza e a sinceridade como filhos de DEUS (Phil. II, xiv–xviii)

Paulo continua a exortação prática, ordenando: “Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas”. A murmuração e a contenda são os venenos que corrompem a vida comunitária e desonram o nome de DEUS. Elas são a manifestação da insatisfação e do orgulho, que destroem a unidade e a paz. Em contraste, os crentes devem ser “irrepreensíveis e sinceros, filhos de DEUS inculpáveis no meio de uma geração corrupta e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo”. A pureza e a sinceridade são as marcas da nova natureza em CRISTO; os crentes são chamados a ser luz no meio das trevas, a brilhar como estrelas na escuridão do mundo caído. Esta luz não é a luz própria, mas a luz refletida de CRISTO, que ilumina as trevas pelo testemunho da verdade e da justiça. E o propósito desta vida santa é “apresentar a Palavra da vida, para que no dia de CRISTO eu tenha motivo de gloriar-me de que não corri em vão, nem trabalhei em vão”. O ministério de Paulo seria confirmado pela perseverança dos filipenses; a sua alegria no dia de CRISTO seria completada pela fidelidade daqueles a quem ele havia anunciado o Evangelho. E esta alegria se estende até mesmo ao sofrimento: Paulo declara que, “ainda que seja oferecido como libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, folgo, e me regozijo com todos vós”. A palavra “libação” (spendomai) indica uma oferta derramada, um sacrifício adicional. Paulo vê a sua própria vida e ministério como uma oferta a DEUS, e se regozija mesmo em ser derramado como libação sobre a fé dos filipenses. A alegria cristã não é destruída pelo sofrimento; ela é aprofundada por ele, porque o sofrimento por CRISTO é uma participação na Sua obra e uma oferta agradável a DEUS.

vi. O exemplo de Timóteo: o servo que busca o interesse de CRISTO (Phil. II, xix–xxiv)

Paulo, tendo exortado os filipenses à humildade e à perseverança, apresenta-se agora como exemplo prático da mente de CRISTO, e aponta Timóteo como modelo de abnegação. Ele expressa a esperança de enviar Timóteo a Filipos, para saber das coisas que lhes dizem respeito, e para que o seu coração seja consolado. A razão pela qual Paulo envia Timóteo é que “a nenhum tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide das vossas coisas”. Timóteo é descrito como alguém que não busca o seu próprio interesse, mas o de CRISTO. Ele é um servo que se preocupa genuinamente com o bem-estar da Igreja, não por ambição ou conveniência, mas por amor a CRISTO e aos irmãos. Paulo testifica que Timóteo “provou o seu valor no serviço do Evangelho, como filho ao pai, serviu comigo”. Timóteo é um filho espiritual, um herdeiro do ministério de Paulo, que compartilha das suas lutas e da sua visão. Este é o modelo de liderança cristã: não o domínio sobre a fé, mas a cooperação na alegria; não a busca da própria glória, mas o serviço ao próximo; não a imposição da vontade própria, mas a submissão à vontade de CRISTO. Paulo espera enviar Timóteo logo que veja o que lhe há de acontecer, e confia no SENHOR que também ele mesmo irá em breve. A esperança de Paulo não está na sua própria força, mas na providência de DEUS, que dirige os passos dos Seus servos segundo o Seu propósito.

vii. O exemplo de Epafrodito: o colaborador que arriscou a vida (Phil. II, xxv–xxx)
Por fim, Paulo apresenta Epafrodito como outro modelo de abnegação e serviço. Ele o descreve como “meu irmão, e cooperador, e companheiro nos combates, e vosso mensageiro, e ministro das minhas necessidades”. Epafrodito não era um mero portador de ofertas; ele era um irmão amado, um cooperador no Evangelho, um companheiro nos combates espirituais, e um ministro fiel das necessidades do apóstolo. Ele havia sido enviado pelos filipenses para socorrer Paulo, e no cumprimento deste serviço, adoeceu gravemente, à beira da morte. Mas DEUS teve misericórdia dele, e também de Paulo, para que o apóstolo não tivesse tristeza sobre tristeza. Paulo, com um coração pastoral, insiste: “recebei-o, pois, no SENHOR, com todo o gozo, e tende-o em honra; porque pela obra de CRISTO chegou até à morte, não fazendo caso da vida, para suprir para comigo o que da vossa parte faltava”. Epafrodito é um exemplo de amor sacrificial: ele arriscou a sua vida pela obra de CRISTO, servindo a Paulo como representante dos filipenses. A sua disposição de se entregar, de não fazer caso da sua própria vida, é a aplicação prática da mente de CRISTO. O crente é chamado a imitar não apenas a CRISTO, mas também aqueles que, como Timóteo e Epafrodito, demonstram o caráter de CRISTO em sua vida e serviço. A Igreja é edificada quando os seus membros, como estes servos fiéis, se dedicam uns aos outros com amor sacrificial, não buscando o seu próprio interesse, mas o de CRISTO e o do próximo.

CAPÍTULO III — A JUSTIÇA PELA FÉ E A PERSEVERANÇA RUMO AO PRÊMIO

i. A advertência contra os cães e os maus obreiros (Phil. III, i–iii)

O apóstolo inicia o capítulo com uma exortação que, à primeira vista, parece uma repetição: "Quanto ao mais, irmãos meus, regozijai-vos no SENHOR". Mas esta repetição não é vã; ela é necessária, pois a alegria no SENHOR é o antídoto contra as falsas doutrinas e as tentações que ameaçam a Igreja. Paulo, porém, não se detém apenas na exortação à alegria; ele acrescenta: "Escrever-vos as mesmas coisas, a mim me não é enfadonho, e a vós vos é seguro". A repetição da exortação à alegria é uma salvaguarda contra o erro; o apóstolo não se cansa de lembrar aos crentes aquilo que é essencial, porque a segurança da Igreja está na verdade que é repetida e crida. Em seguida, Paulo profere uma advertência solene: "Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão". A expressão "cães" era um termo de desprezo usado pelos judeus para os gentios; Paulo, com uma ironia profética, inverte o termo e o aplica aos judaizantes que perturbavam a Igreja, exigindo a circuncisão como condição para a salvação. Estes "maus obreiros" pregavam um Evangelho diferente, que acrescentava obras humanas à graça de DEUS. Paulo os contrasta com os verdadeiros crentes, que "somos nós a circuncisão, que servimos a DEUS em ESPÍRITO, e nos gloriamos em CRISTO JESUS, e não confiamos na carne". A verdadeira circuncisão não é um corte na carne, mas a operação do ESPÍRITO no coração, que remove o pecado e une o crente a CRISTO. O culto genuíno é "em ESPÍRITO" — não em rituais externos, mas na adoração interior que procede do coração regenerado. E a glória é "em CRISTO JESUS" — não nas obras da lei, mas na obra consumada do FILHO. O crente não confia na carne, em sua linhagem, em seu zelo ou em suas obras; ele confia exclusivamente em CRISTO, que é a sua justiça e a sua salvação.

ii. A confiança na carne e a justiça própria (Phil. III, iv–vi)

Paulo, para demonstrar que sua rejeição da confiança na carne não procede de ignorância ou de falta de credenciais, apresenta o seu próprio currículo farisaico com uma ousadia que só a humildade genuína permite. Ele declara: "Ainda que também podia confiar na carne; se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu". Paulo não se envergonha de seu passado; ele o exibe como prova de que, se alguém tivesse razões para confiar na carne, esse alguém era ele. E então ele enumera suas credenciais: "Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fariseu; segundo o zelo, perseguidor da Igreja; segundo a justiça que há na lei, irrepreensível". Estas são as credenciais mais impressionantes que um judeu poderia ter: circuncisão no oitavo dia — não um prosélito, mas um judeu de nascimento; da linhagem de Israel — não um estrangeiro, mas um descendente de Abraão; da tribo de Benjamim — não de uma tribo mesclada,

mas da tribo que permaneceu fiel; hebreu de hebreus — de pura linhagem, sem mistura gentílica; fariseu — da seita mais rigorosa e devota; perseguidor da Igreja — zelo extremo pela tradição dos pais; irrepreensível na justiça da lei — cumpridor meticuloso de todos os preceitos externos. Mas Paulo declara que todas estas credenciais, que outrora ele considerava lucro, ele agora as considera "perda" por amor de CRISTO. A justiça própria, por mais impressionante que pareça aos olhos humanos, é nada diante da justiça de CRISTO. O fariseu que se gloria em suas obras é como um mendigo que se gloria em seus trapos; a verdadeira riqueza está em CRISTO, e tudo o mais é perda.

iii. A perda de todas as coisas por amor de CRISTO (Phil. III, vii–ix)

Paulo, tendo enumerado as suas credenciais humanas, declara: "Mas o que para mim era ganho, isso estimei perda por CRISTO. E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de CRISTO JESUS, meu SENHOR". A palavra "excelência" (hyperechō) indica algo que está acima, que transcende, que é de valor incomparável. O conhecimento de CRISTO é tão superior a todas as outras coisas que Paulo considera tudo o mais como perda, como lixo, como escória. O verbo grego hēgēmai (estimei, tenho) indica um julgamento deliberado, uma avaliação racional e volitiva: Paulo não apenas sente que CRISTO é superior, mas o julga assim com toda a sua mente e vontade. E a razão desta avaliação é que ele possa "ganhar a CRISTO, e seja achado n'Ele, não tendo a minha justiça, que vem da lei, mas a que vem pela fé em CRISTO, a saber, a justiça que vem de DEUS pela fé". A justiça própria, baseada nas obras da lei, é rejeitada; a justiça que vem de DEUS, pela fé em CRISTO, é abraçada. Esta justiça é imputada, não inerente; é recebida, não conquistada; é dom da graça, não mérito humano. E esta justiça é dupla: a remissão dos pecados e a imputação da obediência ativa e passiva de CRISTO, pela qual o crente é aceito como justo diante do tribunal divino. A confiança na carne é substituída pela confiança na graça; a glória própria é substituída pela glória de CRISTO. E esta troca não é perda, mas ganho infinito, porque o crente que perde tudo por CRISTO ganha tudo em CRISTO.

iv. O conhecimento de CRISTO e o poder da Sua ressurreição (Phil. III, x–xi)

A justiça pela fé não é um fim em si mesma; ela é o meio para um conhecimento mais profundo de CRISTO. Paulo declara: "E para conhecê-LO, e o poder da Sua ressurreição, e a comunhão das Suas aflições, sendo feito conforme à Sua morte". O conhecimento de CRISTO não é meramente intelectual, mas experimental e transformador. Conhecer a CRISTO é conhecer o poder da Sua ressurreição — o poder que venceu a morte, que nos vivifica, que nos capacita a viver uma nova vida. E conhecer a CRISTO é também conhecer a comunhão das Suas aflições — uma participação real nos Seus sofrimentos, que nos conforma à Sua morte. O crente não é

chamado apenas a crer em CRISTO, mas a participar da Sua vida, da Sua morte e da Sua ressurreição. Esta participação é progressiva: o crente morre para o pecado, é crucificado com CRISTO, e ressuscita para uma nova vida. E o propósito final desta conformação é "para que, de alguma maneira, chegue à ressurreição dos mortos". Esta não é a ressurreição geral, que todos experimentarão, mas a ressurreição dos justos, a primeira ressurreição, a participação na glória de CRISTO. Paulo não presume ter já alcançado esta meta; ele a almeja com todo o seu ser, esforçando-se para conhecer a CRISTO mais profundamente, para experimentar o poder da Sua ressurreição e para chegar à plenitude da glória que Ele prometeu.

v. A perseverança rumo ao prêmio da soberana vocação (Phil. III, xii–xvi)

Paulo, com uma humildade que é a marca de sua maturidade espiritual, declara: "Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por CRISTO JESUS". O apóstolo não se gloria no que já alcançou, mas reconhece que está em uma corrida, e que precisa prosseguir rumo ao alvo. A palavra "prossigo" (diōkō) indica uma perseguição ativa, um esforço contínuo e intenso. E ele acrescenta: "Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de DEUS em CRISTO JESUS". O esquecimento das coisas que atrás ficam não é uma amnésia voluntária, mas uma recusa deliberada de se apegar ao passado — seja às glórias passadas, como as suas credenciais farisaicas, seja às derrotas passadas, como a sua perseguição à Igreja. O crente não deve viver no passado, mas avançar para o futuro, para o prêmio que DEUS lhe prometeu. Este prêmio é a "soberana vocação" (anō klēsis) — o chamado celestial, a vocação que vem do alto, que nos chama para a comunhão com CRISTO e para a glória eterna. Paulo exorta os filipenses a terem este mesmo sentimento, e a andarem de acordo com o que já alcançaram. A vida cristã é uma caminhada progressiva, na qual o crente não se desanima com as quedas, nem se orgulha com os avanços, mas persevera com os olhos fixos em CRISTO, o Autor e Consumador da fé.

vi. A exortação a imitar Paulo e a evitar os inimigos da cruz (Phil. III, xvii–xix)

Paulo, com a autoridade pastoral que lhe é própria, exorta os filipenses: "Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam". O apóstolo não se apresenta como um modelo de perfeição, mas como um exemplo de perseverança e de fé. Ele convida os filipenses a imitar a sua disposição de esquecer o passado e avançar para o alvo, a sua confiança na justiça de CRISTO e não na sua própria. E ele adverte: "Porque muitos andam, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de CRISTO". Estes inimigos da cruz são aqueles que pregam um Evangelho sem

cruz, uma fé sem arrependimento, uma graça sem custo. Eles são descritos por três características: "cujo fim é a perdição, cujo DEUS é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas". O seu fim é a perdição, porque rejeitam o único caminho de salvação; o seu deus é o ventre, porque servem aos seus apetites e desejos carnais; a sua glória é a sua confusão, porque se orgulham daquilo que deveria ser motivo de vergonha. Eles pensam nas coisas terrenas, não nas celestiais; a sua mente está fixa no que é passageiro, não no que é eterno. O crente, em contraste, tem a sua cidadania nos céus, e a sua mente está voltada para as coisas que são de cima, onde CRISTO está assentado à destra de DEUS.

vii. A cidadania celeste e a esperança da transformação (Phil. III, xx–xxi)

Paulo conclui o capítulo com uma das mais sublimes declarações da esperança cristã: "Mas a nossa pátria está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o SENHOR JESUS CRISTO". A palavra "pátria" (politeuma) indica uma colônia de cidadãos estrangeiros, uma comunidade que vive em um país que não é o seu. Os crentes são cidadãos dos céus, peregrinos na terra; a sua verdadeira identidade e a sua verdadeira lealdade não são deste mundo, mas do mundo vindouro. E, da pátria celestial, eles aguardam o Salvador, o SENHOR JESUS CRISTO. A esperança cristã não é uma esperança vaga, mas uma expectativa certa: CRISTO voltará. E, na Sua vinda, "transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme ao seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a Si todas as coisas". A transformação do corpo é a consumação da redenção: o corpo mortal, sujeito à corrupção, à doença e à morte, será transformado à semelhança do corpo glorioso de CRISTO, imortal, incorruptível e cheio de glória. Este poder de transformação é o mesmo poder que sujeitará todas as coisas a CRISTO; é o poder do DEUS que criou o mundo do nada, que ressuscitou CRISTO dentre os mortos, e que um dia fará todas as coisas novas. Esta esperança é a âncora da alma, segura e firme, que nos sustenta em meio às tribulações e nos anima a perseverar na fé, porque sabemos que o nosso galardão está nos céus e que o nosso corpo será transformado à semelhança do corpo glorioso do SENHOR.

CAPÍTULO IV — A ALEGRIA, A PAZ E A PROVIDÊNCIA DE DEUS

i. A exortação à alegria no SENHOR (Phil. IV, i–iv)

O apóstolo, tendo advertido contra os inimigos da cruz e proclamado a cidadania celestial, dirige-se agora aos filipenses com palavras que revelam a profundidade do seu afeto pastoral: "Portanto, meus amados e mui desejados, minha alegria e coroa, estai assim firmes no SENHOR, amados". Paulo chama os filipenses de "minha alegria e coroa" — não apenas porque eles eram motivo de alegria para ele, mas porque a sua perseverança era a coroa do seu ministério, o fruto da sua labuta apostólica. E ele os exorta a "estar firmes no SENHOR" — a permanecerem inabaláveis na fé, na esperança e no amor, mesmo em meio à perseguição e à falsa doutrina. Em seguida, Paulo faz uma exortação pessoal: "Rogo a Evódia, e rogo a Síntique, que sintam o mesmo no SENHOR". Evódia e Síntique, duas irmãs na fé, aparentemente estavam em desacordo, e a sua desavença ameaçava a unidade da Igreja. Paulo não toma partido, mas as exorta a "sintam o mesmo no SENHOR" — a buscarem a unidade em CRISTO, que é o vínculo da paz. E ele pede a um "verdadeiro companheiro" (talvez um líder da Igreja) que as ajude a reconciliar-se. E então, Paulo profere a exortação mais famosa de toda a epístola: "Regozijai-vos sempre no SENHOR; outra vez digo, regozijai-vos". Esta exortação é repetida para ênfase, e é dirigida a toda a Igreja, não apenas a Evódia e Síntique. A alegria no SENHOR não é condicionada pelas circunstâncias; é uma disposição permanente do coração, fundada na certeza da salvação e na esperança da glória. O crente que se regozija no SENHOR é inabalável, porque a sua alegria não está nas coisas que passam, mas naquele que é eterno.

ii. A moderação conhecida de todos e a ansiedade entregue a DEUS (Phil. IV, v–vii)

Paulo prossegue: "A vossa moderação seja conhecida de todos os homens. Perto está o SENHOR". A "moderação" (epieikeia) é a disposição de não insistir nos próprios direitos, de ser razoável, gentil e tolerante. Esta moderação deve ser conhecida de todos — não apenas dos irmãos na fé, mas também dos incrédulos, como um testemunho do caráter de CRISTO. E a razão para esta moderação é que "perto está o SENHOR" — uma referência à iminência da Parusia, que torna desnecessário o apego às coisas terrenas e a defesa dos próprios direitos. Em seguida, Paulo aborda a ansiedade humana: "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de DEUS, pela oração e súplica, com ação de graças". A ansiedade é a tendência natural do coração humano diante das incertezas e dos perigos; mas o crente é chamado a substituir a ansiedade pela oração. Em vez de se preocupar, ele deve orar; em vez de se angustiar, ele deve suplicar; em vez de se desesperar, ele deve dar graças. A oração é o meio pelo qual o crente lança as suas ansiedades sobre DEUS, confiando que Ele cuida de todas as

suas necessidades. E a promessa é: "E a paz de DEUS, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em CRISTO JESUS". A paz de DEUS não é uma paz ausente de conflitos, mas uma paz que transcende a compreensão humana, que guarda o coração e a mente do crente em CRISTO. Esta paz é a sentinela que protege o coração da ansiedade e da dúvida, e que mantém o crente firme em meio às tempestades da vida. A oração, portanto, não é um último recurso, mas o primeiro e mais eficaz recurso do crente, que confia na providência soberana de DEUS e na Sua fidelidade para responder às suas petições.

iii. O pensamento cristão e a meditação nas coisas verdadeiras (Phil. IV, viii–ix)

Paulo, tendo exortado à oração e à paz, dirige-se agora à vida mental do crente: "Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai". A vida cristã não é apenas uma questão de emoções ou de ações; é também uma questão de pensamentos. O crente é chamado a meditar naquilo que é verdadeiro — a Palavra de DEUS, que é a verdade; naquilo que é honesto (semnos) — o que é digno de reverência; naquilo que é justo — o que é reto aos olhos de DEUS; naquilo que é puro — o que é moralmente limpo; naquilo que é amável — o que é agradável e edificante; naquilo que é de boa fama — o que é digno de aprovação. E, se há alguma virtude e algum louvor, o crente deve pensar nessas coisas. Este é o princípio da santificação mental: o que o crente alimenta em sua mente, isso ele se torna. A meditação nas coisas verdadeiras e santas é o antídoto contra a corrupção do mundo, que inunda a mente com imagens, ideias e valores contrários à vontade de DEUS. E Paulo acrescenta: "O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei; e o DEUS de paz será convosco". A doutrina deve ser seguida pelo exemplo; o ensino deve ser acompanhado pela prática. Paulo não apenas ensina, mas também vive o que ensina, e convida os filipenses a imitá-lo. E a promessa é que o DEUS de paz estará com eles — uma presença real, ativa e santificadora, que confirma a obediência e a perseverança dos santos.

iv. A gratidão de Paulo pelo socorro dos filipenses (Phil. IV, x–xiv)

Paulo, após as exortações gerais, volta-se para a questão prática do socorro que recebeu dos filipenses. Ele declara: "Regozijei-me, pois, muito no SENHOR, por que já reviveu o vosso cuidado para comigo; do qual também cuidáveis, mas vos faltava oportunidade". A alegria de Paulo não está no donativo em si, mas no fato de que os filipenses demonstraram, mais uma vez, o seu amor e a sua comunhão no Evangelho. Ele reconhece que eles sempre tiveram o desejo de socorrê-lo, mas que a oportunidade lhes faltara. E então, Paulo faz uma declaração que revela a sua independência em relação às circunstâncias: "Não digo isto por causa de necessidade,

porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância; em toda a maneira, e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura, como a ter fome; tanto a ter abundância, como a padecer necessidade". Paulo aprendeu o segredo do contentamento, não por estoicismo, mas pela graça de DEUS. Ele sabe estar abatido — sem se desesperar; e sabe ter abundância — sem se orgulhar. Ele está instruído (memyēmai) — como um iniciado nos mistérios da vida cristã, que aprendeu a lição da dependência total de DEUS. E a razão do seu contentamento é: "Posso todas as coisas n'Aquele que me fortalece". Este é um dos versículos mais conhecidos e mal interpretados da Escritura. Paulo não está dizendo que pode fazer tudo o que quiser; ele está dizendo que pode suportar todas as circunstâncias, sejam elas favoráveis ou adversas, porque CRISTO o fortalece. A força não está na vontade humana, mas na graça divina que capacita o crente a perseverar em meio à tribulação e a dar graças em meio à provação.

v. A oferta como sacrifício agradável a DEUS (Phil. IV, xv–xix)

Paulo, com a gratidão que o caracteriza, reconhece o histórico de generosidade dos filipenses: "E vós também sabeis, ó filipenses, que no princípio do Evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma Igreja comunicou comigo com respeito a dar e a receber, senão vós somente". Os filipenses foram os únicos que socorreram Paulo no início do seu ministério, quando ele partiu da Macedônia (Actus XVI–XVII). Eles continuaram a socorrê-lo, enviando-lhe donativos, e Paulo reconhece que o que lhes enviou é "como cheiro de suavidade, como sacrifício aceitável e agradável a DEUS". A oferta dos filipenses não é apenas um ato de generosidade humana; é um ato de culto, um sacrifício espiritual que ascende como incenso diante do trono de DEUS. E Paulo, em resposta, profere uma promessa que tem sido fonte de conforto para a Igreja em todas as épocas: "O meu DEUS suprirá todas as vossas necessidades, segundo as Suas riquezas na glória em CRISTO JESUS". Esta promessa não é uma garantia de prosperidade material, mas a certeza de que DEUS, que é fiel, cuidará das necessidades dos que O servem e dos que O honram com suas ofertas. A provisão de DEUS não é segundo as riquezas terrenas, mas "segundo as Suas riquezas na glória em CRISTO JESUS" — uma abundância que transcende a compreensão humana e que supre todas as necessidades espirituais e materiais que são necessárias para a vida e para a piedade. O crente que dá com generosidade ao SENHOR e à Sua obra não ficará em falta, pois DEUS é fiel e suprirá todas as suas necessidades.

vi. A bênção apostólica e a glória a DEUS (Phil. IV, xx)

Paulo conclui a exortação com uma doxologia que é ao mesmo tempo uma bênção: "Ora, a nosso DEUS e PAI seja dada glória para todo o sempre. Amém". Esta doxologia, que se segue à promessa da provisão divina, é o reconhecimento de que toda a glória pertence a DEUS, não apenas pela Sua criação e providência, mas

especialmente pela Sua obra redentora em CRISTO. A glória de DEUS é o fim de todas as coisas, e o crente é chamado a viver para a Sua glória, a dar graças pela Sua bondade, e a louvá-Lo por Sua fidelidade. O "Amém" final é a confirmação da fé, a certeza de que a glória de DEUS é eterna e que todas as promessas de DEUS são firmes e verdadeiras.

vii. Saudações finais e a graça do SENHOR JESUS (Phil. IV, xxi–xxiii)

Paulo encerra a epístola com saudações pessoais: "Saudai a todos os santos em CRISTO JESUS. Os irmãos que estão comigo vos saúdam. Todos os santos vos saúdam, mas principalmente os que são da casa de César". A menção dos "da casa de César" — os funcionários do palácio imperial — é um testemunho do avanço do Evangelho nos próprios círculos do poder romano. Mesmo na casa de César, havia santos, e estes enviavam saudações aos filipenses, mostrando que a Igreja é uma comunidade que transcende as fronteiras geográficas e sociais. E Paulo conclui com a bênção que resume toda a sua teologia: "A graça de nosso SENHOR JESUS CRISTO seja com todos vós. Amém". A graça é o princípio e o fim da vida cristã; ela é a fonte da salvação, o combustível da santificação e a garantia da glória. A epístola, que começou com a saudação da graça (Phil. I, ii), termina com a bênção da graça, mostrando que a vida cristã é, do princípio ao fim, uma vida de graça. E o "Amém" final é a confirmação da fé e a antecipação da consumação, quando a graça de CRISTO será plenamente revelada e todos os santos participarão da Sua glória.

CONCLUSÃO GERAL DA EXEGESE E APLICAÇÃO PASTORAL

A Epístola aos Filipenses, exaurida em sua análise, revela-se como um dos mais preciosos tesouros do cânon sagrado, um manual de vida cristã que transborda de alegria, humildade e esperança. O apóstolo Paulo, algemado em Roma, não escreve com lamentos, mas com hinos; não com queixas, mas com exortações; não com desânimo, mas com a certeza inabalável de que o Evangelho avança, de que a salvação é segura, e de que a consumação é certa. A exegese demonstrou que cada capítulo é uma joia lapidada pela graça: o capítulo I proclama a alegria no sofrimento e no avanço do Evangelho, mostrando que as cadeias do apóstolo são instrumentos do progresso do Reino; o capítulo II apresenta a humildade de CRISTO como modelo e exemplo, convidando os crentes a terem a mesma disposição que levou o FILHO de DEUS a esvaziar-Se por amor aos Seus; o capítulo III exorta à justiça pela fé e à perseverança rumo ao prêmio, rejeitando toda confiança na carne e abraçando a justiça que vem de DEUS pela fé; e o capítulo IV coroa a epístola com a exortação à alegria, à paz e à gratidão, e com a certeza da providência divina que supre todas as necessidades dos que O servem.

A mensagem de Filipenses é perene e de aplicação imediata à Igreja de todos os tempos. Ela confronta o desânimo com a alegria; o orgulho com a humildade; a confiança na carne com a fé em CRISTO; a ansiedade com a oração; e a insatisfação com a gratidão. O crente, ao estudar esta epístola, é chamado a regozijar-se sempre no SENHOR, a ter a mente de CRISTO, a considerar todas as coisas como perda pela excelência do conhecimento de CRISTO, a perseverar rumo ao prêmio da soberana vocação de DEUS, e a lançar sobre DEUS todas as suas ansiedades, certo de que a paz de DEUS, que excede todo entendimento, guardará o seu coração e a sua mente em CRISTO JESUS. A alegria cristã não é um sentimento passageiro, mas uma disposição profunda do coração, fundada na certeza da salvação em CRISTO e na esperança da glória futura. E esta alegria se manifesta em humildade, em serviço, em generosidade e em perseverança, até o dia em que CRISTO voltar para transformar o nosso corpo abatido, para ser conforme ao Seu corpo glorioso.

E, porque toda a realidade é existência comunicada e sustentada momento a momento pela Palavra de DEUS, o estudo de Filipenses nos conduz à adoração: reconhecemos que a nossa própria alegria, a nossa humildade, a nossa fé, a nossa perseverança e a nossa paz são dons da graça, mantidos pelo mesmo poder que ressuscitou a CRISTO dentre os mortos. A glória, portanto, não é nossa, mas exclusivamente de DEUS — PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO — a quem seja o louvor, a honra e o domínio pelos séculos dos séculos.

Per Iesum Christum Dominum nostrum

SOBRE O AUTOR

J. S. Nascimento (Jairo de Sousa Nascimento), presbiteriano, cuja vida e ministério são marcados por uma convicção inabalável: as Santas Escrituras são a única regra infalível de fé e prática, e toda a existência.

Nascido no interior do Ceará (Agosto de 1990), na cidade de Varjota-CE, e cresceu em Ipu-CE (após um curto período em Ararendá-CE (1997/1999)). onde experimentou desde a infância o rigor do trabalho e a **provisão da graça divina**. Filho de Ana Maria de Sousa Cunha e Francisco Gomes do Nascimento. Foi em Ararendá-CE onde **viu o lar ser desfeito pelo abandono paterno ainda na meninice** (1999), e, com sua mãe e irmãos, aprendeu que a verdadeira segurança não está nas estruturas humanas, mas na fidelidade do DEUS que não abandona os seus. Nesse mesmo ano, eles foram morar em Ipu-CE, ainda criança, já vendia picolés e pães pelas ruas; aos poucos, o trabalho árduo forjou-lhe o caráter, também fez parte da **Banda municipal Maestro Lázaro freire** de Ipu-CE, aluno de **Jorge Nobre do Sax**, nesse mesmo tempo **estudava** e trabalhava na lavoura (plantio de milho e feijão) ajudando seu Padrasto (Seu Raimundo), com isso, aprendeu a disciplina e a educação comum (2001 a 2011).

Em 2012, **movido pela providência divina**, mudou-se para Novo Hamburgo-RS (Rio Grande Do Sul), onde atuou na construção civil e na indústria, até que, em 2021, sentindo o chamado para uma nova etapa, formou-se em vigilante e, posteriormente (2025), como Técnico em Segurança do Trabalho. Contudo, o labor secular nunca foi para ele um fim em si mesmo, mas uma esfera onde a vocação cristã se expressa em diligência, integridade e serviço ao próximo.

Sua trajetória espiritual, porém, é o fio de ouro que atravessa toda a sua história. Criado em lar cristão e membro da Assembleia de Deus na infância e juventude, estudou Teologia pela FAITE (2016) e, posteriormente, convalidou seus estudos pela FAETEL (2018), obtendo o título de Bacharel em Teologia. Foi, porém, **ao estudar a sistemática de Wayne Grudem e, em 2019, ao congregar na Igreja Presbiteriana de Campo Bom-RS Pastoreada pelo Rev. Frank Brito. Suas convicções se firmaram no solo fértil da teologia reformada**, hoje mora desde 2024 em Açailândia-MA, ao lado de sua esposa, **Ana Cláudia Leal de Sousa**, com quem se casou em Maio de 2024, e com quem compartilha o propósito de edificar um lar que seja pequena igreja doméstica e germe do Reino de CRISTO, e servindo à igreja como diácono.

Seus fundamentos teológicos repousam sobre os fundamentos confessionais de Westminster, e sua cosmovisão é integrada pela doutrina da existência comunicada. Que o SENHOR JESUS CRISTO, Cabeça da Igreja, esteja sobre todos os santos, para edificação e para a glória exclusiva do DEUS Trino.

Nascimento Editora

Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade